

Suplemento

REVISTA MUNICIPAL DE LOUSADA - SETEMBRO 2006

OPPIDUM - Revista de Arqueologia, História e Património da Câmara Municipal de Lousada

Uma publicação do Gabinete de Arqueologia e do Gabinete de Património da Câmara Municipal de Lousada

Sinopse do primeiro número da revista Oppidum, publicação a ser lançada até ao final do ano de 2006.

1ª Parte: ARQUEOLOGIA

Sondagem arqueológica em Nespereira - Lousada: resultados preliminares de uma intervenção de emergência

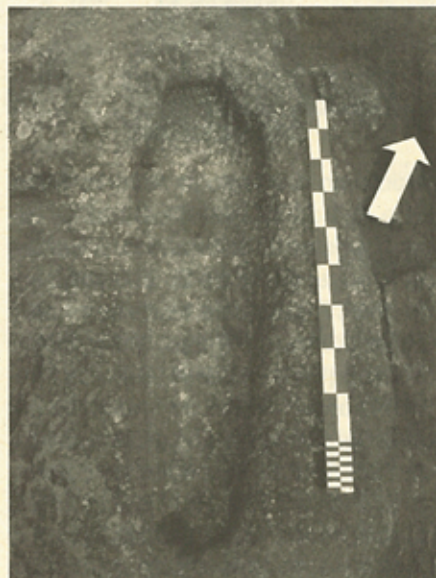
Joana Leite, Manuel Nunes,
Luís Sousa, Carlos Gonçalves

Resumo: A realização da intervenção arqueológica de emergência no Cabeço do Outeiro, freguesia de Nespereira, concelho de Lousada, pôs a descoberto um habitat rural dos séculos XVII-XVIII, revelando um considerável espólio, sobretudo cerâmico, e denunciador de um núcleo familiar com algum poder económico e eventualmente detentor de reconhecido prestígio local. Trata-se de uma dinâmica sequencial de ocupação do sítio que apesar de ultrapassar os 200 anos surpreendeu pelo efémero registo material perpetuado ao nível das estruturas.

Sepulturas medievais escavadas na rocha no concelho de Lousada: o cemitério rupestre do Irmeiro (Boim)

Manuel Nunes, Luís Sousa,
Carlos Gonçalves

Resumo: O presente artigo surge na sequência dos trabalhos de revisão da Carta Arqueológica do Concelho de Lousada, durante os quais o Gabinete de Arqueologia Municipal procedeu ao levantamento, ao estudo morfo-tipológico e ao enquadramento histórico-arqueológico do núcleo de sepulturas escavadas na rocha do lugar do Irmeiro (Boim). Trata-se de um sítio com uma cronologia provável entre o século VIII e X, composto por três sepulturas rupes-



tres que revelam um antropomorfismo arcaico e uma organização espacial enquadrável na tese dos "agrupamentos familiares".

O vinho na antiguidade clássica: Alguns apontamentos sobre Lousada

Luís Sousa, Manuel Nunes,
Carlos Gonçalves



Resumo: O breve ensaio que agora apresentamos surge na sequência de um conjunto de dados que têm vindo a ser compilados no âmbito dos vários projectos que o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de

Lousada tem desenvolvido, no sentido da salvaguarda e valorização de sítios arqueológicos dispersos um pouco por toda a área geográfica do concelho, entre os quais se destaca um conjunto, breve, de elementos arqueológicos conotados com o consumo de vinho e sua produção.

2ª Parte: HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

A Casa do Cáscere

Pedro Magalhães



Resumo: Fazendo parte do Mosteiro de Vilela, a Casa do Cáscere, enquanto casal, insere-se no típico modo de exploração agrária do Antigo Regime, a enfiteuse. Através dos contratos de empraçamento podemos avaliar a evolução da renda paga, bem como dos direitos devidos ao Mosteiro. Já durante o Liberalismo, beneficiou de um processo de tendência nacional, a Desamortização, consolidando-se na mesma pessoa o domínio eminente e útil do casal. Da história desta casa fizeram parte vários personagens, cabeças de casal, que detinham o domínio útil da terra, numa sociedade predominantemente agrícola, e faziam parte da hierarquia das Ordenanças de Lousada, o que por si só lhes conferia um enorme poder.

A Procissão dos Caixões na Senhora Aparecida

José Carlos Carvalheiras

Resumo: A Procissão dos Caixões desperta emoções e sentimentos díspares. Vislumbrando o fenómeno de várias perspectivas, apercebemo-nos dos extremos dos juízos valorativos. Ir no caixão em cumprimento de promessa é porventura sórdido e tenebroso. Mas os caminhos da fé e do desespero quando se cruzam originam um palco de gigantescas façanhas humanas. Esse era o caso da controversa Procissão dos Caixões. Tratava-se de um desfile de cumprimento de promessa em que os protagonistas, homens e mulheres, velhos e crianças, eram transportados vivos desde o salão paroquial até à ermida da Senhora Aparecida, em



urnas abertas, carregadas por familiares e amigos num percurso de 400 metros. Do choque das duas facções litigantes nesta polémica resultaria a extinção do fenómeno. Foi um confronto entre sagrado e profano, entre o oficial e o estranho. Triunfou a via institucional.

Inventário das Estelas Funerárias em Xisto dos Cemitérios de Lousada

Cristiano Cardoso

Resumo: Durante umas Jornadas de Estudo sobre Cartas Arqueológicas que decorreram em Arouca deparamo-nos com um breve estudo sobre estelas funerárias em xisto reali-



zado pelo arqueólogo António Silva. Este estudo incidia sobre todo o espólio existente, à data, no concelho de Arouca: cerca de 20 estelas, sendo que 17 das quais ainda cumpriam a sua função original. Adquirimos essa pequena separata precisamente pela originalidade do trabalho e por considerarmos tratar-se de peças raras, ainda mais inseridas no contexto que lhes é natural. Pouco tempo depois, numa visita ao cemitério de Lodares detectámos sete estelas em xisto e posteriormente no cemitério de Nevogilde mais três. Tal facto, fez-nos pensar que Lousada poderia, possivelmente, reunir um conjunto de estelas funerárias em xisto muito interessante, não só pelo número, mas também pela diversidade da morfologia das mesmas. Mais tarde viemos a encontrar mais duas estelas. Uma no cemitério de Caíde de Rei e outra no cemitério de Aveleda.

O entendimento do património no contexto local

Carla Moreira

Resumo: O presente trabalho tenta enquadrar a amplitude de significações que abarcam o conceito do património, no contexto local, de forma a revelar e definir uma identidade e memória num determinado espaço geográfico. Esta temática, que tem sido desenvolvida em diversas abordagens académicas, tende a ser "generalista", havendo por isso uma necessidade de repercutir tais estudos para ambientes mais específicos e direccionados para a população lo-

cal. Isto porque, por vezes, a percepção do antigo e da nossa história não é tida em conta nos factores de evolução de uma determinada localidade, mas sim como objectos que, mediante a sua importância e políticas aplicadas, são investigadas e salvaguardadas. O que se pretende neste breve documento é ressaltar algumas abordagens patrimoniais, pois o conceito património não pode nem deve ser cingido a algo específico, não obstante a sua diversidade e a sua significação em diversos níveis de interpretação, que passa pela esfera universal, nacional, regional e local.



Torre de Vilar: uma Residência Senhorial do Vale do Sousa

Ana Costa Oliveira

Resumo: A Torre de Vilar é um raro exemplo de residência senhorial que se ergue isolada num extenso vale agrícola. Situa-se no lugar da Torre, na freguesia de Vilar do Torno e Alentém, Concelho de Lousada. Esta *domus fortis* insere-se no modelo das primeiras torres senhoriais, muito presa à imagem das torres de menagem, podendo ter sido erguida nos finais do século XIII como uma imagem de nobreza e de glória que o poder real tentou apagar. Admitimos como Senhores desta Torre a família dos Riba de Vizela que, deixando a congestionada região do coração do Entre-Douro-e-Minho, foram alargando os seus domínios para lugares ainda disponíveis. Aqui se implantaram torres que controlavam os novos domínios dos senhores, garantindo ao mesmo tempo a sua segurança e defesa.

Sarcófagos do concelho de Lousada: notas para um inventário

Luís Sousa*, Manuel Nunes** e Carlos Gonçalves*



Fig.1 – Sarcófago de Meinedo (depositado na Quinta dos Padrões)

Foi nas décadas de 1960/1970 do século passado que surgiram os primeiros trabalhos versando a temática dos sarcófagos na Península Ibérica, isto é, túmulos escavados em pedra volante. Alberto del Castillo e Manuel Riu foram os investigadores castelhanos pioneiros na divulgação e estudo sistemático, em moldes científicos, deste tipo de monumentos funerários. Entre nós, os primeiros apurados científicos sobre esta matéria couberam a Mário Barroca, que em 1987, no âmbito da dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica, apresenta na Faculdade de Letras da Universidade do Porto o trabalho *«Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)»*, um trabalho que se haveria de revelar fundamental para o estudo e compreensão, não apenas dos sarcófagos *per si*, mas dos fenómenos associados aos ritos funerários nesta ampla região do noroeste português.

Sobejamente empregue pelos egípcios e posteriormente pelos romanos, o sarcófago monolítico foi sempre apanágio das classes sociais mais elevadas. Entre nós, os primeiros sarcófagos conhecidos datam do período de dominação romana, mantendo-se o gosto pelo emprego deste tipo de monumentos durante a vigência dos povos germânicos e, até

um certo apogeu no seu emprego, já durante o período da Reconquista (Idade Média). Sabe-se, contudo, que na região em que presentemente se encontra inserido o actual território de Lousada, de resto à semelhança do que se verificou noutras regiões do país, o emprego deste tipo peculiar de monumentos se verificou, pelo menos, até ao século XIV/XV, portanto, já no limiar da Idade Moderna.

Se numa primeira fase os sarcófagos apresentam uma configuração ovalada ou tipo “banheira” (período romano), num momento posterior estes evoluem para um formato rectangular e/ou sub-trapzoidal sem evidência de antropomorfismo (período germânico). Com efeito, o antropomorfismo parece apenas verificar-se em finais da Alta Idade Média. Ao contrário de outros arcazes em materiais perecíveis, cuja vocação é o enterramento no subsolo, o sarcófago destinava-se a ser visto, sendo, por isso, mantido à superfície, por vezes em lugares de destaque. Ora, em resultado deste enobrecimento do túmulo, facto que o mantém na esfera dos vivos, mais do que na dos mortos, não raramente a sua descontextualização, mormente em termos crono-estratigráficos, se



Fig.2 – Sarcófago de Meinedo (nº 127 do catálogo do Museu da Sociedade Martins Sarmento – Guimarães)

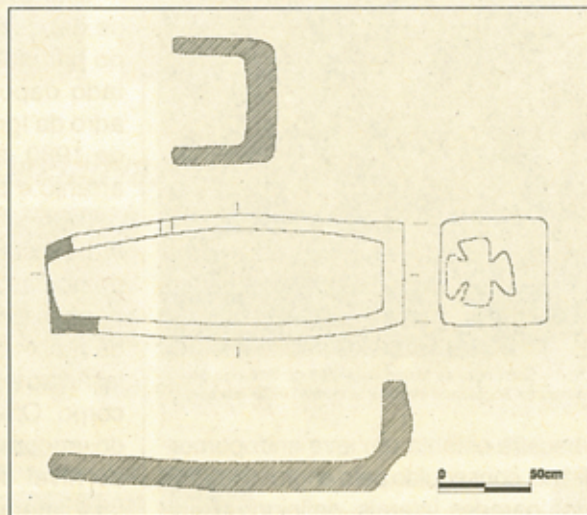


Fig.3 – Desenho do Sarcófago Meinedo (nº 127 do catálogo do Museu da Sociedade Martins Sarmento – Guimarães)

afigura como uma barreira quase intransponível no que respeita ao seu enquadramento histórico e consequente balização temporal, inevitáveis pontos de partida para quaisquer estudos de cariz mais abrangente.

Ainda assim, e pese embora a persistência de certas problemáticas no que respeita a caracterizações tipológicas para determinados períodos cronológicos, os sarcófagos encontram-se hoje melhor conhecidos, fruto dos estudos a que muitos destes monumentos forem sujeitos em anos recentes, situação que permite, pelo menos, uma inventariação com algum grau de fiabilidade.

Conquanto preliminar, este inventário dos sarcófagos do concelho de Lousada, permitiu-nos registar na área geográfica do território lousadense, um conjunto composto por sete sarcófagos, de tipologias e cronologias diversas, provenientes, respectivamente das freguesias de Meinedo (3), Sousela (1), Macieira (1) e Torno (2).

De Meinedo são conhecidos três monumentos: dois encontram-se presentemente depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães) e um terceiro permanece no seu local de achamento, na Quinta de Padrões (Meinedo).

O arcaz depositado na Quinta dos Padrões (Fig.1) é em granito e apresenta um formato sub-rectangular com os laterais arqueados. A zona da ca-

(Continua na pág. seguinte)



Fig. 4 - Sarcófago de Meinedo (nº 128 do catálogo do Museu da Sociedade Martins Sarmiento - Guimarães)

-beceira ostenta um leve antropomorfismo, conseguido pelo engrossamento das paredes laterais, definindo assim uma área sub-rectangular arredondada. Não ostenta qualquer elemento decorativo, cabendo-lhe uma cronologia provável, em torno do século X.

O primeiro sarcófago depositado no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, com o nº 127 do inventário daquele museu, (Fig. 2) é não antropomórfico, sub-rectangular, com os laterais arqueados, apresentando na cabeceira uma cruz em relevo, bastante danificada ao nível do braço esquerdo e superior que, pelo facto de abrirem bastante, lembram a cruz de Malta (Fig. 3). Cronologicamente, este sarcófago enquadrar-se-á no período Alto Medieval, talvez no século IX.

O segundo sarcófago do espólio do Museu da Sociedade Martins Sarmiento, com o nº 128 (Fig. 4), apresenta uma cronologia mais tardia (século X-XI), e possui uma cabeceira antropomórfica com arco ultrapassado, sem que as "almofadas" laterais

que lhe definem essa cavidade atinjam a superfície do arcaz. Apresenta um formato trapezoidal e não possui qualquer decoração.

O arcaz de Sousela (Fig. 5) encontra-se depositado no interior do cemitério paroquial para onde foi transportado depois da sua descoberta no adro da Igreja de Sousela na década de 1980, aquando dos trabalhos de arranjo e pavimentação daquele espaço. É uma peça em granito, de formato rectangular, com vincado antropomorfismo. A cabeça é em arco ultrapassado com almofada para apoio da mesma, bem diferenciada em relação ao leito destinado ao corpo. O arco ultrapassado encontra-se truncado ao nível do pescoço. Na face lateral esquerda são visíveis três brasões sem qualquer elemento heráldico. Trata-se de um monumento funerário com uma cronologia provável entre os séculos XIV/XV.

Macieira possui um único sarcófago monolítico (Fig. 6) que se encontra depositado nos jardins do Casa Paroquial. Trata-se de um túmulo em granito de grão grosseiro com um formato sub-rectangular, sem qualquer tipo de antropomorfismo, mostrando as laterais perfeitamente rectas. Encontra-se dissociado de qualquer tipo de elementos decorativos, cabendo-lhe, com algumas reservas, um cronologia em torno do século XI.

De cronológica indeterminada temos o sarcófago da freguesia do Torno localizado junto da fachada norte da Igreja paroquial (Fig. 7). De granito

de grão fino, este sarcófago é de formato sub-rectangular ostentando ainda a tampa de cobertura que impede a visualização da forma anatómica do seu interior. A tampa é também de formato sub-rectangular com as laterais chanfradas conferindo-lhe um corte de formato trapezoidal. Não ostenta qualquer elemento decorativo. No interior da igreja do Torno existe um segundo sarcófago, igualmente selado e adossado a um arco cego. Embora difícil de balizar cronologicamente, é sabido que o mesmo terá, primitivamente, sido propriedade da Casa do Vilar, tendo mais tarde, no



Fig. 6 - Sarcófago de Macieira

século XVIII, sido adquirido pela Casa de Juste, juntamente com aquele que se encontra no exterior da igreja. O túmulo foi talhado num bloco granítico de grão fino, não ostentando, presentemente, qualquer tipo de decoração nas faces expostas.

* Assistente de Arqueólogo.

Gabinete de Arqueologia
da Câmara Municipal de Lousada

** Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia
da Câmara Municipal de Lousada



Fig. 5 - Sarcófago de Sousela



Fig. 7 - Sarcófago de Torno